



FACULDADE DE CIÊNCIAS E SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

“ESSA TATOO, ELA SIGNIFICA EU, ESSA SOU EU”.
TATUAGEM, CORPO E IDENTIDADE.

LUCILA CHAVES ALVARENGA

BRASÍLIA
JUNHO/2005

LUCILA CHAVES ALVARENGA

“ESSA TATOO, ELA SIGNIFICA EU, ESSA SOU EU”.
TATUAGEM, CORPO E IDENTIDADE.

Monografia apresentada como
requisito para a conclusão do
curso de Psicologia do UniCEUB
– Centro Universitário de
Brasília. Professora orientadora:
Virgínia Turra.

Brasília/DF, Junho de 2005

“... O acontecimento fica tatuado em marca de fogo na carne viva e todos os que percebem o estigma fogem com horror”. (p.18) Clarice Lispector 1998.

Sumário

1 Introdução.....	05
2 Desenvolvimento.....	07
2.1 Tatuagem.....	07
2.2 Diferentes usos e significados do corpo.....	11
2.3 Identidade.....	13
2.4 Metodologia.....	17
2.5 Dados.....	18
2.6 Análise da entrevista.....	22
3 Conclusão.....	35
4 Bibliografia.....	38

Resumo

A tatuagem é uma prática realizada no corpo, em que tinta é inserida na derme. A tatuagem engloba uma diversidade enorme em relação a tipos de desenhos, pessoas que a fazem e motivo pelo qual a fazem. O corpo é o que separa o mundo interno e externo do sujeito. É através do corpo que o homem se reconhece, se identifica e se diferencia. Existe uma relação íntima entre o corpo e a identidade. O corpo é uma forma do homem mostrar e viver sua identidade. A maneira que o homem se relaciona com o próprio corpo e sua identidade é muito particular. Não se pode mais dar o mesmo significado aos tatuados de hoje que se davam aos de antigamente. E, mesmo dentre os tatuados de hoje, fica difícil estabelecer uma identidade única delimitando um grupo específico designado “tatuados”.

Introdução

A tatuagem é uma prática milenar, não é de hoje que o homem marca, modifica e enfeita seu corpo. Os significados, símbolos e rituais se transformam com o passar do tempo em relação à cultura, fatores históricos, tribais e religiosos. Há várias formas de se considerar uma tatuagem, como por exemplo, uma cicatriz escolhida ou uma obra de arte. Independente do significado que possa ter, ela chama atenção e desperta curiosidade.

Goldenberg e Ramos (2002) falam do atual culto ao corpo no Brasil como inflacionados em relação ao processo de revelação de identidade, nos significados atribuídos à forma física e aparência. Os autores usam um exemplo para mostrar que as pessoas não são o que imaginam ser, e sim, o que os outros vêem que elas são; também não são o que pensam ser, e sim, o que os outros pensam que são. Os meios tradicionais de produção de identidade como a família, política e trabalho estão enfraquecidos. Hoje, pessoas e grupos estão utilizando o corpo como meio de expressão da identidade.

O corpo, ultimamente, tem exercido um importante papel na sociedade. Existe um maciço culto e preocupação com a imagem. Tatuagens, *piercing* e cirurgias plásticas são uma série de possibilidades de mudança e escolha, que hoje são acessíveis.

A tatuagem, como uma modificação corporal, gera perguntas relacionadas ao motivo, significados e escolhas. Hoje, não se distinguem mais os tatuados como pertencentes a grupos específicos separados por sexo, idade, classe social ou moda. É possível achar tatuados em todos os lugares e o número aumenta cada vez mais, é fácil enxergar isso quando olhamos para os números de estúdios especializados que não param de crescer.

Através do corpo o ser humano se apresenta, estabelece contato com o mundo, reconhece, identifica e se diferencia. A tatuagem pode ser vista como uma forma de identificação e também de diferenciação. Cada desenho pode ter ou não um significado específico. A diversificação de pessoas com tatuagens é tão grande, que fica difícil

definir quem são as que fazem e por que fazem. Porém, é importante buscar entender o significado que o sujeito tatuado atribui a sua tatuagem.

Qual o papel da tatuagem na identidade do sujeito? Que visão se deve ter do tatuado? É possível colocar todos os que possuem uma tatuagem como pertencentes a um mesmo grupo? São questionamentos que levaram à reflexões acerca do que já foi escrito. Este trabalho tem por finalidade apresentar algumas teorias sobre tatuagem, corpo e identidade. O trabalho apresenta um estudo de caso de uma pessoa tatuada, ressaltando os significados que ela atribui as tatuagens, mostrados na entrevista realizada. Discute-se a tatuagem como parte do processo de construção de identidade, utilizando os seis eixos mostrados por Levisky (1998), bem como das teorias pesquisadas. Outras reflexões são apresentadas, a partir do material demonstrado na entrevista. Mostra-se a necessidade de estudos que possam aprofundar o tema e instrumentalizar teoricamente o psicólogo em um assunto tão complexo e essencial.

Desenvolvimento

Tatuagem

A tatuagem é um sinal visível, feito através de uma injeção de matéria colorida, inscrita na derme. É definitiva e se encontra tanto em homens como em mulheres. É feita no conjunto do corpo, raramente no rosto. (Le Breton; 2003)

Segundo Souza (2001) a tatuagem fez parte da evolução do homem, nasceu da necessidade de domar a natureza e da consciência que o corpo era insuficiente. As marcas no corpo vieram primeiro para marcar fatos biológicos como nascimento, reprodução e morte, depois fatos da vida social, papéis exercidos como guerreiro, rei, prisioneiros, pedir proteção. Existem evidências da prática da tatuagem em 5300 AC, homem de gelo, com linhas, cruzeiros e faixas tatuadas.

Em alguns momentos da história a tatuagem foi proibida pelo Cristianismo. Outros países que eram conhecidos pelas tatuagens, hoje não se vêem mais. Na era cristã também existem exemplos com função religiosa, vários povos têm essa característica, como forma de proteção, poder. Na segunda Guerra Mundial os nazistas numeraram os judeus tatuando algarismos na pele dos prisioneiros.

Costa (2003) fala da contradição existente no uso de marcas corporais, que serviram ao longo da história tanto para enobrecimento quanto para degradação.

Leitão (2003) traz a idéia da tatuagem como um ritual. Modificações corporais aparecem em diferentes culturas e épocas em rituais de iniciação, ritos de passagem marcando mudanças e inscrevendo as leis da cultura.

A tatuagem contemporânea, no ocidente, a princípio, esteve relacionada a marinheiros, prostitutas, a desvio e marginalidade política, social ou econômica. No final do século XIX os tatuados eram peças centrais em shows de circos, eles exibiam suas peles tatuadas como algo bizarro. A tatuagem era um sinal característico de criminosos e prostitutas. A partir da década de 50, nos Estados Unidos, começa a mudar o público que frequenta os estúdios, para jovens membros de gangues. O tipo de desenho identificava a gangue, expressando a identidade compartilhada. Na década de 60 o movimento hippie começou a aderir à tatuagem, usando o corpo como forma de se

manifestar. No Brasil, nesta época, a tatuagem chegou, dessa forma, primeiro nos surfistas cariocas, pela influência dos hippies. Nos anos 80 chega o movimento punk que também utilizava tatuagens para se identificar (Leitão:2003).

A tatuagem chegou no Brasil como característica de grupos e movimentos representantes da contracultura e permaneceu por muito tempo ligado a propostas políticas e estéticas, diferentes das normas sociais (Leitão:2003).

É fácil perceber o papel cultural e de identidade de grupos nesse histórico da tatuagem. Nos povos mais antigos e tribos indígenas, era uma forma de comunicação e expressão, uma forma de se identificar e reconhecer um símbolo compartilhado. Rodrigues (2001) fala dos prisioneiros que compartilham desse significado da tatuagem. Os desenhos são usados para identificar os presos, não só em relação ao crime cometido, mas também em relação à religião e orientação sexual. Muitas marcas são feitas à força por outros presos, como forma de comunicação simbolizando para os presos de qualquer prisão, quem é o sujeito e qual tratamento ele “merece”. É um código compartilhado por esse grupo.

No Brasil houve uma imagem dos tatuados ligados à transgressão, a contracultura. Hoje não é possível afirmar que essa visão mudou completamente, mas de acordo com uma pesquisa feita com mulheres tatuadas de Porto Alegre, essa mudança de visão foi o suficiente para várias destas entrevistadas se tatuarem. Elas acreditam em uma suposta mudança no “perfil” de quem se tatua. Com essa mudança, suas tatuagens passaram a ser aceitas. Algumas características importantes nesse grupo entrevistado são em relação aos desenhos escolhidos e aos lugares do corpo que tem a tatuagem, lugares esses, que podem ser escondidos. Hoje é aceita na moda e muitas revistas de beleza abordam o tema da tatuagem. Alguns salões de beleza têm tatuadores e, de acordo com a autora, desenhos ditos mais delicados e discretos são aceitos. Quem os possui, coloca-se fora do grupo de tatuados transgressores que, segundo o alvo da pesquisa e as agências de moda, usam tatuagens agressivas, “de cadeia”, bregas e vulgares (Leitão:2003).

De acordo com Leitão (2003) essa nova imagem do tatuado é possível no grupo pesquisado sobre três pilares: (1) a tatuagem se insere no universo feminino, como um

cuidado com o corpo; (2) valores pregados, como autocontrole e autonomia sobre a anatomia; (3) valorização da pessoa singular, da subjetividade e diferenças.

A tatuagem é pensada e planejada demonstrando cuidados pessoais e com a aparência. Como uma prática estética, é uma fonte de cuidados específicos em relação ao sol, à pele no local tatuado e também a possíveis retoques sempre se preocupando com a perfeição do desenho. A escolha do lugar implica, no caso da estética, em uma preocupação com o envelhecimento. A parte do corpo escolhida para tatuar, tem que ser uma que não vá modificar muito com o tempo. Existe uma relação na pesquisa a respeito do sentir-se bem consigo mesmo e o mostrar-se bem para os outros, como objetivos atingidos com a prática da tatuagem. Essa relação com o outro envolve jogos de sedução em que os desenhos estão também envolvidos; o poder esconder e o poder mostrar, do mesmo modo, faz em parte desse cuidado com o corpo (Leitão:2003).

A autonomia sobre a anatomia vem da idéia muito observada nos discursos da pesquisa em relação a fazer o que quer com o próprio corpo, uma liberdade de escolha e de ação de mudança. As cirurgias plásticas, ginásticas, regimes, todo e qualquer tipo de modificações corporais, são exemplos de instrumentos utilizados para exercer essa autonomia sobre o corpo, que antigamente era imutável e sua beleza era reconhecida por uma beleza da natureza e não construída, trabalhada e adquirida. A tatuagem no grupo estudado exerce também esse papel de liberdade de mudança sobre o corpo (Leitão:2003).

Existe uma importância relacionada à escolha do desenho tatuado e à “personalidade” da pessoa. A escolha é feita de acordo com as características e gostos pessoais que serão expostos na pele; quando o desenho não condiz muito com a pessoa, ela costuma se arrepender depois, de acordo com a pesquisa. Essa expressão da individualidade mostra também uma necessidade de se diferenciar, singularizar no mundo. Esses três pilares apresentados estão relacionados entre si e são de grande importância para o entendimento da ressignificação da tatuagem contemporânea (Leitão:2003).

A tatuagem ao mesmo tempo em que traz essa idéia de modificar o corpo, traz também uma idéia de “para sempre”, imutável. Porém, hoje em dia, já se pode modificar

e até retirar uma tatuagem. Todas essas mudanças trazidas pela evolução tecnológica no processo de tatuar, que antigamente era feito manualmente com uso de agulhas e tintas, hoje com os vários adventos tecnológicos como tipos de máquinas e tintas especiais, podendo ser antialérgicas ou as que só aparecem quando um determinado tipo de luz incide diretamente sobre o desenho, proporcionam uma maior variedade, qualidade e influenciam também no ressignificado e uso da tatuagem.

Em relação a marcas corporais, Le Breton (2003), também fala da mudança de significado das tatuagens, porém, as pessoas continuam diversificando em busca de singularidade. Por um longo período de tempo o preconceito obscureceu pesquisas sobre o assunto, o que para o autor é considerado uma dupla falta de conhecimento, a do significado cultural das marcas corporais e a do significado íntimo da marca. Hoje essa imagem ruim foi afastada da tatuagem. O sucesso que se observa hoje em dia, cresce com a idéia do corpo como um objeto maleável. Jovens crescem em ambientes intelectuais de um corpo inacabado e imperfeito, que o individuo deve completar com um estilo próprio.

Várias sociedades utilizam marcas corporais como forma de marcar ritos de passagem ou vinculadas a significados dentro da comunidade. A tatuagem, dessa maneira, passa a ter um valor de identidade expressa no próprio “âmago da carne”. Pode ser uma maneira de escrever, metaforicamente, na carne, momentos importantes da existência. É uma memória de um acontecimento forte, passagem pela qual o sujeito deseja conservar uma lembrança. As marcas corporais também implicam em uma vontade de atrair o olhar, ser vista e reconhecida (Le Breton;2003).

“A marca é um limite simbólico desenhado sobre a pele, fixa uma batente na busca de significado e de identidade, é uma espécie de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma em uma identidade escolhida”.(pág.40)

Hartmann, L (2002) fez uma pesquisa com os gaúchos da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. Uma característica observada no grupo são as cicatrizes possuídas pelos gaúchos e o significado atribuído a elas. Essas cicatrizes foram adquiridas em momentos de batalhas e brigas, com animais e pessoas. Os “gaúchos” mostram, com orgulho, as marcas no corpo, cada sinal conta uma história, um momento, uma batalha. Essas marcas os diferem mostrando a singularidade de cada

um. Cada um possui marcas diferentes que foram adquiridas em tempo e contextos diferenciados. No corpo o sujeito carrega as marcas de sua trajetória. Ao mesmo tempo, as cicatrizes também servem para identificar as pessoas como pertencentes a esse grupo. Outro papel exercido pelos sinais é a delimitação de uma hierarquia entre o grupo.

As cicatrizes encontradas no grupo da fronteira exercem vários papéis que podem ser comparados ao papéis que já foram discutidos da tatuagem. A grande diferença é a escolha que existe na tatuagem e que não existe na cicatriz.

Diferentes usos e significados do corpo

Para Mauss, M. (2003) cada sociedade tem seus hábitos próprios, um exército é diferente do outro, a postura da marcha e de descanso, a posição das mãos na corrida, tudo vem da educação e difere de uma sociedade para outra. O autor fala de técnicas de corpo que em grande parte são impostas pela sociedade. Ele classifica as técnicas pelo sexo, idade, rendimento, transmissão da educação, técnicas do nascimento, da infância da adolescência e da idade adulta. Tudo é aprendido e imposto. A exemplo em um esporte como a natação, atletas de diferentes nacionalidades se distinguem pela técnica do corpo de cada um.

Goldenberg e Ramos (2002) estudaram a sociedade carioca e a relação com o corpo. Existe uma valorização da aparência física e uma necessidade de se atingir um padrão estético que é apresentado através da mídia e da moda. O alcançar do corpo perfeito é seguido de um *status* maior na sociedade carioca. A idéia de corpo saudável se iguala a um corpo trabalhado, malhado e livre de imperfeições. Não são medidos esforços para se atingir o corpo “da moda”, fala-se muito de disciplina e várias outras idéias são facilmente vendidas quando prometem resultados satisfatórios em relação ao padrão de beleza. Todas essas pessoas que buscam esse corpo querem pertencer a um grupo, se preocupam em passar uma imagem determinada através do corpo.

Leloup (1998) faz um estudo do corpo, dos pés à cabeça. Ele fala da importância do homem ser visto como um todo e critica a separação do corpo e da alma, colocando a importância não só para a psicologia, de se conhecer e estudar o corpo. O autor traz

todo um simbolismo do corpo, fala da memória do corpo como sendo a mais forte, e que tudo é vivido deixa no corpo sua marca, nada é esquecido pelo corpo. Os pés falam da consciência matricial, que são as memórias antigas da vida intra-uterina, e assim, ele coloca cada fase da vida em uma parte do corpo. Fala do corpo como uma escritura de argila do que as pessoas são. Em relação à pele:

“A pele é a ponte sensível do contato com o mundo e pode ser também um abismo. É o nosso órgão mais extenso, é o nosso código mais intenso, um lar de profundas memórias. O corpo sente, toca, fala, comunga. Vida incorporada, corpo da vida.”(pág. 9)

Le Breton (2003), fala de um corpo acessório. A anatomia passa a ser um acessório de presença deixando a idéia de destino de lado. O corpo como uma matéria-prima a modelar e a redefinir:

“Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal”.(pág.28)..

Os psicotrópicos, cirurgias estéticas, hormônios, regimes, os *piercings* ou as tatuagens, *body arts* etc. são condutas que separam o corpo como uma matéria que proporciona um estado ao sujeito. Esse corpo é um suporte maleável de uma identidade escolhida: *“Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras”.(pág. 28).*

Ao mudar o corpo, o indivíduo muda sua vida e seu sentimento de identidade. Muitas vezes, essa necessidade de mudança busca modificar o olhar sobre si e o dos outros, a fim de existir-se plenamente.” *O corpo é hoje um motivo de apresentação de si”.(pág.30) (Le Breton;2003).*

De acordo com Le Breton (2003), na sociedade contemporânea, é através do corpo que se é julgado e classificado; o corpo é um emblema de si. Existe um domínio do corpo que se passou necessário nesse contexto. O próprio sujeito é “mestre de obras” de sua existência.

Identidade

De acordo com Nunes, Paula, Frota e Pedro (1986) foi na Grécia antiga que o conceito de identidade teve origem e em cada época esse conceito foi se modificando. Antigamente o ser era colocado de uma forma estática, o conceito era preso em uma realidade concreta. Na modernidade surgiu a idéia de uma identidade como produto social, porem existiam diferentes idéias relacionadas ao social. Existe uma posição teórica que fala de uma necessidade de não se considerar a identidade como algo fixo, como ser e não ser, trazendo uma visão dialética da realidade subjetiva com a sociedade.

Goffman (1988) mostra a sociedade trazendo formas de categorizar as pessoas atribuindo conceitos de normal e natural. O autor considerava dois tipos de identidade social, uma sendo virtual e a outra como real. A identidade social virtual seria a imposta pela sociedade e os atributos esperados. A real seria o que o indivíduo efetivamente possui. Goffman (1988) enfoca a sociedade como produtora da identidade e esta é analisada a partir do estigma, colocando cada movimento como deslocamento e desvio em relação a um centro.

As autoras mostram a evolução de pensamentos e idéias que levaram a uma identidade instável, assimétrica, ambígua e imprevisível. Propõe-se uma nova abordagem do termo que traga aspectos de si mesmo e do outro.

Na psicologia, Levisky (1998) explica a formação da identidade com base na teoria psicanalítica. O autor desenvolve seu pensamento sobre o processo de identificação que ocorre na adolescência com seis vértices, sendo que essa divisão é apenas uma forma didática de explicar, pois o processo é complexo e ocorre de forma simultânea. Os vértices são: (1) *a evolução da sexualidade na busca de novos objetos*; (2) *o processo de perdas (lutos)*; (3) *narcisismo e organização egóica*; (4) *ruptura entre as partes não-discriminada e a discriminada*; (5) *o falso e o verdadeiro self*; (6) *transformações cognitivas e o aprender com a experiência.*(pág.106)

1- A evolução da sexualidade na busca de novos objetos:

No início da adolescência existe um direcionamento da libido para si mesmo, de natureza narcísica. Até no relacionamento com outras pessoas o adolescente busca um semelhante, em que projeta aspectos de si mesmo. Com o passar do tempo essas relações deixam de ser prazerosas, devido a pressões instintuais que buscam um objeto heterossexual. O novo objeto desejado desperta sentimentos e desejos ambíguos no primeiro momento, isso ocorre pela má discriminação entre desejos e temores. Na puberdade vai acontecer uma cisão que vai direcionar parte da excitabilidade sexual para a heterossexualidade, parte para objetos representados pelos pais na infância. Na mulher, a busca por seu par heterossexual conta com as gratificações do relacionamento com a mãe, se identificando como mulher e rival. No rapaz ele tem que abrir mão dessa relação com a mãe para encontrar seu novo objeto de amor. Nessa fase é importante que o adolescente, por meio da sublimação e reelaboração, transforme os objetos primários de amor em aspectos de sua identidade adulta.

Nesse vértice o autor se refere a uma mudança no objeto de amor e desejo. Com o crescimento, são abandonados os modelos e as relações com os pais. Nesse momento o adolescente começa a se identificar com outros fora de casa.

2- O processo de Perdas:

Esse processo de luto é um momento de muitas turbulências e muito sofrimento para o adolescente. Tal processo ocorre devido às perdas em relação a seu corpo infantil, ao seu mundo interno, à qualidade de suas relações consigo mesmo, com outras pessoas, com o tempo e com o espaço. Uma reorganização é forçada pela incorporação de novos objetos de desejo, novas identificações e pela perda desses mesmos valores que figuravam na infância. Transformações corporais, perda da bissexualidade, da identidade infantil e dos pais da infância serão trabalhados na elaboração do luto pelo ego.

Com a puberdade, acontecem mudanças no corpo que devem ser assimiladas, abandonando o modelo anterior existente. Meninas e meninos passam por transformações corporais que ocorrem rapidamente, modificando um corpo que era de uma criança em um corpo de adulto. Junto com as mudanças corporais, vêm as

mudanças psíquicas, em que surgem novas possibilidades de organização de pensamento, maior capacidade de abstração, de reversibilidade, atividade simbólica e também capacidade de racionalização.

No processo de perda dos pais da infância ocorre uma dualidade; forças do crescimento contra a manutenção do estado infantil. Essa perda é necessária para a evolução do processo de identificação na busca de uma autonomia e individualização.

3- Narcisismo e organização egóica:

No processo de identificação do adolescente, aspectos primitivos e atuais são emergidos no ego. Entretanto, a aquisição de novas identidades não suprimem as anteriores e sim recalca as primitivas no inconsciente. Em momentos difíceis de muita ansiedade, são observados movimentos regressivos em que processos primários emergem no ego.

Na adolescência é muito importante a preservação da auto-estima elevada pela fragilidade egoíca. A atividade narcísica que regula o sentimento de auto-estima. *“Durante a adolescência, as configurações narcísicas estão em evidência e tomam parte na organização do sentimento de auto-estima, elemento que participa na reestruturação da identidade durante o processo de identidade.”(pág.123)*

Para o autor, as primeiras relações que são estabelecidas com a mãe, com o corpo materno, deixam registro no ego primitivo. Nessa relação começa a se estruturar o psiquismo infantil. Essa relação inicialmente indiferenciada, simbiótica, em que o bebê tem a mãe como parte do seu mundo interno, vai se modificando em direção a uma diferenciação entre o eu e o não-eu, um caminho de conquista a para própria identidade.

Nesse vértice da identidade ocorrem as relações eu-mundo, eu-outro. A princípio, na relação com a mãe, gestos e atitudes são incorporadas. A discriminação é inexistente. Com a evolução, o ego passa por um estado de ambigüidade até conseguir a total discriminação, a capacidade de ter dúvida e de elaborar pensamento.

4- Ruptura entre as partes não-discriminadas e discriminadas:

“ O indivíduo necessita desvencilhar-se das identidades mais primitivas e reidentificar-se a partir da escolha de novos objetos.”(pág.130)

Esse processo é cheio de dor e culpa, mas possibilita uma nova construção de identidade e modelo de vida. Essa separação e diferenciação, do que pertence ao adolescente, do que pertence aos pais e a discriminação do que pertence à relação da infância com os pais, se faz parte do “eu autônomo”. As construções de afeto, identidade e relação estabelecida com os pais na infância são de uma certa forma desconstruídas, fazendo essa discriminação do que pertence a quem.

5- O verdadeiro e o falso self:

O verdadeiro self diz respeito ao ser autêntico. O adolescente na definição de sua identidade realiza uma luta interna e externa para descobrir e expressar o verdadeiro self. O falso self é um “eu falso”, que ocorre em situações de submissão ao que é exigido, cobrado e esperado do sujeito. A sociedade e a família exigem, muitas vezes, esse falso self. O adolescente, nessa fase de descoberta do verdadeiro self, em muitos casos, identifica-se com grupos, o que ajuda também a quebrar vínculos de dependência.

O autêntico é o que não é falso. É o que é original, e portanto é libertar-se da imposição do desejo do outro e do próprio superego censor. Assim poderá conquistar a realização e controle dos próprios desejos para a sua satisfação.
(pág. 136)

6-Transformações cognitivas e o aprender com a experiência:

Esse último vértice da identidade diz respeito à evolução cognitiva que permite o adolescente a utilizar pensamento hipotético-dedutivo. Capacidade de análise, síntese, levantar hipóteses, avaliar probabilidades e estabelecer conceitos. Contudo, essa capacidade pode não ser utilizada pelo adolescente, pelos difíceis processos que sofre nessa fase. É importante que a vida afetiva do mesmo esteja em equilíbrio para que não afete a cognição.

Levisky (1998), com esses seis vértices, explica como o sujeito vai viver e passar por esses estágios. O produto complexo dos seis resultará na formação da identidade.

Metodologia

Foram feitas três entrevistas com mulheres que possuem mais de 10 tatuagens. As entrevistas foram semi-estruturadas. Temas de interesse da pesquisadora eram pré-estabelecidos e abordados de acordo com o andamento da entrevista, como: idade que fez a primeira tatuagem; motivo de ter feito tatuagem; mudança nas mesmas; significados dos desenhos; processo de identificação com grupos de tatuados; significado da tatuagem como modificação corporal.

Dentre as entrevistas realizadas, que foram previamente gravadas, uma foi escolhida para ser trabalhada e analisada de acordo com as teorias apresentadas. A entrevista escolhida foi pela riqueza de informações, sendo que cada tatuagem foi explicada e significada na entrevista. A escolhida, além de ter sido gravada, foi fotografada para ilustração do trabalho.

Dados:

Sexo: Feminino

Idade:31 anos

Escolaridade: Superior completo.

Abaixo mostra-se a relação das tatuagens que a entrevistada possui e alguns significados e informações atribuídos por ela.

1- Estrela e lua:

- 12 anos;
- Foi desenhado pela mãe;
- Feito na mão com tinta de caneta Bic e agulha;
- Filme Cristiane F.

2- Borboletinha:

- Idade 14 anos;
- Inspirou-se Índio liberdade;
- Fez
- escondida do pai;
- Foi aprovada pela mãe.



Figura 01

3- Florzinha da mão (fig.01):

- Significa passion fruit, flor da paixão;
- 16 anos, gatinhos (contato com meninos de sua idade).



Figura 02

4- Beija Flor tribal (fig.02):

- Feita por impulso;
- Ficou feia, rejeita e cobre.



5- Pé Salamandra (fig. 03):

- O animal agüenta tudo;
- Lugar diferente das outras meninas;
- Busca força para ajudar namorado doente.

Figura 03



6- Ideograma japonês (fig.04):

Significa: espírito, mente e corpo;

- No drugs;
- Sentia-se sexy: a melhor.

Figura 04



7- Moréia (fig. 05):

- Dor “ olha só como eu sou foda” (sic);
- É rápida sagaz;
- Sabe atacar.

Figura 05



8- Dragão tribal (fig.06):

- Costas / significado proteção;
- Ligado ao mágico, ao antigo.

Figura 06



9- Perna (fig. 07):

- Dragão que cobriu a borboleta;
- Quer coisas maiores;
- Mudança.

Figura 07



10- Sol (fig.08):

- Ligação com a natureza;
- Ligado ao Trance;
- É um lugar importante : meio das costas.

Figura 08



11- Pulseirinha(Figura 09):

- É suave;
- Feita a partir de um sonho;
- Com fogo e cor;
- É a borda mandala budista.

Figura 09

12- Dragão vermelho (fig. 06):

- Queria coisa grande e forte;
- Momento em que precisava consolidar muita força;
- Noção de agressão ao corpo/aparecimento de sintomas.



13- Texto (fig.10) :

- Significa “Deus te abençoe” em hebraico;
- É homenagem a Deus, ajuda em uma crise.

Figura 10



14- Várias Flores(fig.11):

- Feita no ombro;
- É criação, mão livre;
- Foram feitas adaptações;
- Tem carinho por ela;
- Considera a flor uma criação mais bela do divino.

Figura 11

Análise da entrevista

Trechos da entrevista serão analisados de acordo com as teorias apresentadas anteriormente. Esta análise é apenas uma, dentre várias possíveis interpretações da entrevista.

Para uma melhor visualização da entrevista e da análise primeiro será analisada em relação à formação da identidade, utilizando como base a teoria de Levisky (1998).

“Com 14 fiz a primeira. Era uma borboleta que virou um dragão, na perna, a borboleta era no tornozelo...”

A primeira tatuagem foi uma que depois se modificou, mostra uma mudança, possíveis hipóteses podem ser levantadas a respeito dessa modificação fazendo uma relação com a identidade da entrevistada: ela era uma borboleta que virou um dragão?

“eu fiz escondida do meu pai, mas a minha mãe deixou e gostou.”

Nesse momento, podemos ver que existia uma necessidade de aprovação, dependência dos pais e também um possível jogo de alianças. De acordo com a teoria de Levisky (1998), é possível identificar características do quarto vértice, que diz respeito a rupturas entre partes discriminadas e não-discriminadas, ou seja, o que era parte da identidade dela, e o que não era parte da identidade dela, o que funcionava e o que não funcionava de suporte e aprovação dos pais.

“Não sou de mentira, sou boa de mentira para outras coisas, assumir o que eu tenho não sou de mentir”.

Nesse momento fica clara uma intenção de assumir o que é, do self verdadeiro, eu autêntico. A entrevistada pode mentir, mas não em relação a quem ela é (Levisky ;1998).

“A borboleta era coisa da idade leve e pequena, não agressiva, colorida. Eu sempre tive desde pequena. Engraçado isso, eu sempre tive uma coisa com espaços vazios, planos vazios, dentro da arquitetura sigo uma linha diferente. Meu quarto era assim: todo pintado rabiscado do piso ao teto. E eu fazia isso em

mim com caneta Bic. Adorava me rabiscar inteira, não sei se isso tem alguma ligação, mas eu tenho uma foto com cinco anos na praia, eu e a moça que era a minha babá, toda rabiscada, e assim, tentaram limpar um pouco pra eu poder ir pra praia, mas eu fui toda rabiscada”.

Aqui, ela confirma a identificação da borboleta como sendo coisa da idade, era como ela era. O espaço vazio ao qual ela se refere pode ter ligação com o self; quando o sujeito ainda não sabe qual o verdadeiro self, isso se refere a um espaço vazio. Esse espaço vazio diz respeito a essa fase de transição da adolescência, em que o sujeito sente um espaço vazio por ter que se desfazer de várias “verdades” e descobrir outras em relação a si mesmo (Levisky ;1998).

“e quando essa coisa da tatuagem, veio numa fase que eu queria muita atenção dos meus pais”.

Essa necessidade de atenção dos pais pode ser refletida com a teoria de Levisky (1998) no narcisismo e organização egóica, que fala da necessidade de manter a relação com os pais, dificuldade de abrir mão dos pais da infância.

“Eu fui filha única por sete anos, então tinha meu quarto todo rabiscado era tudo muito legal aí, vieram minha irmãs, botaram papéis de parede no meu quarto, assim eles meio taparam a minha criação, entendeu? Então assim, eu fui buscando outras formas de ter essa atenção”.

Essa “perda” dos pais pode ser relacionada ao processo de perdas e lutos que Levisky (1998) se refere no processo de identidade. A entrevistada tenta buscar outras formas de chamar atenção lutando contra a perda dos pais, querendo reconquistá-los de qualquer forma.

“eu sempre quis me fazer, assim, ser reconhecida pela diferença. Antes da tatuagem, eu já tinha furo na orelha, 5 furos na orelha então, assim, sempre teve esse processo”.

Ser reconhecida pela diferença, pela singularidade é a busca de uma individualidade, que fazem parte das fases e processo de identidade de Levisky (1998), principalmente na parte da ruptura entre partes discriminadas e não-discriminadas.

“eu amo os índios por que eles são livres assim, né? Todos os ornamentos são as figuras e mesmo que desprovida de significado elas enfeitam, elas celebram e a tatuagem pra mim sempre foi isso. Todas as minhas tatuagens é... marcam momentos da minha vida, como essa borboletinha marcou, assim, o início d’eu me reconhecendo, assim, minha personalidade é essa...”

Existe uma identificação dela em relação aos índios, o significado da tatuagem é o mesmo que para os índios. E mais uma vez, ela faz referência à primeira tatuagem que era “quem ela era”. Essa relação da tatuagem com quem ela “é”, fica muito clara. Esses processos de identificação com grupos também são explicados por Levisky.

“As do início eu queria uma atenção dos meus pais, as outras não. Elas tem haver com o momento que eu estou vivendo, na época uma borboleta era uma coisa marcada...”

Nesse trecho ela fala de uma mudança. As primeiras eram pra conseguir atenção dos pais, já as outras, estão relacionadas a momentos que ela vive. Mostra essa ruptura com os pais explicada na evolução da sexualidade mostrada por Levisky (1998).

“Eu tinha 12 anos, meus pais nesses aspectos eles nunca foram: -“Aí, não vai fazer”. Aí a minha mãe fez o desenho bem certinho da lua e da estrela e eu fiz, aí ficou um pedaço, saiu outro, um eu furei melhor, outro nem tanto, mas eu fiz, eu tinha visto aquele filme Cristiane F e ela faz uma.”

Nesse trecho mostra uma aliança forte com a mãe e também uma identificação com o filme, ela viu no filme e fez. Na evolução da identidade Levisky (1998) fala dessa relação da menina com a mãe e também do processo de se identificar com o semelhante, projeção.

“Eu acho que a relação com a dor, por que todas doem não interessa se pequena ou grande, o que muda é a intensidade e a duração. Então vai fazer uma estrelinha você vai sentir uma dorzinha por pouco tempo. Você vai mandar uma dessa (aponta o ombro), você vai sentir muita dor por muito tempo. Essa coisa de você sentir a dor, é como se mostrasse pra você, que você é capaz de, sabe?... de agüentar qualquer coisa, por que a tatuagem você faz por opção, as outras dores da vida nem sempre você escolhe”.

A vivência da dor na tatuagem, para ela, tem um significado simbólico. A dor simboliza capacidade, força. Essa ligação que ela faz da dor atribuindo a um simbolismo e pensamento abstratos, mostra o que Levisky (1998) chamou de característica das transformações cognitivas e o aprender com a experiência.

“Então às vezes, quando em situações onde eu tava muito mal e de repente eu tava bem, e passava daquele momento eu queria registrar aquele momento, como uma coisa, a minha escolha a minha pré-disposição sempre foi pra tatuagem”.

Aqui ela fala de uma necessidade de concretizar, registrando um momento que foi vivido por ela. E esse registro é feito de uma forma simbólica, através de um desenho, uma figura escolhida. O que mostra novamente as transformações cognitivas e o aprender com as experiências, mostrados por Levisky (1998).

“... depois da borboleta e dessa florzinha, que foi a segunda, vieram as coisas um pouco mais de significado. Aí, no impulso de querer fazer a terceira tatuagem, tinha um cara do Rio aqui em Brasília, aí, eu fiz uma na nuca, mas o cara fez uma lambança ficou horrível era pra ser um beija-flor com uma flor tribal, assim, um beija-flor branco com roxo, mas ficou uma merda. O traço do cara era ruim, ficou horrível. E aí, alguns anos depois, eu cobri com um desenho tribal, o que eu falo, assim, que eu tenho um beija-flor tribal. Se olhar bem a pessoa entende, mais é um desenho meio nada na vida.”

Nesse trecho, ela mostra uma preocupação estética com a aparência, com o belo. Mostrando uma fase narcísica explicada por Levisky (1998), quando ele fala do narcisismo e organização egóica.

“Duas. Essa do pescoço, foi totalmente estético, a borboletinha não tinha mais nada a ver comigo...”

Em relação às tatuagens que ela modificou, ela fala da borboletinha como não se identificando mais, mostrando a mudança novamente. Nesse trecho é possível perceber que a idéia de tatuagem como algo irreversível não faz sentido para a entrevistada, afinal, ela transformou, mudou completamente uma que já tinha.

“... Quando eu fiz foi muito consciente. Eu tinha dezesseis anos aí fiz a florzinha do maracujá que maracujá em inglês é passion fruit, né?... a flor da paixão então tudo tem um floreado é... 16 anos gatinhos e tal, essa eu nunca me desfiz e nem quero me desfazer.”

Mostra a fase dela com 16 anos, interesse pelos meninos. Na adolescência a menina busca novos objetos de prazer, relações heterossexuais, a que Levisky (1998) se refere na evolução da sexualidade.

“...entrou minha fase lagartos e dragões assim... que são animais que eu sou apaixonada... apaixonada... então, a minha do pé uma salamandra, o que é uma salamandra?... é um reptilzinho... e aí a salamandra ela suporta tudo, a bichinha agüenta tudo, fogo ela é, por exemplo, assim... ela tem um sistema de locomoção super inteligente. Um bichinho super sagaz, aí eu mandei no pé...”
“...e a salamandra, pelo significado de segurar todas as barras, foi num momento onde eu tive que segurar muitas barras por que eu tinha um namorado doente, e foi assim o desenho que ele fez e tal, essa foi a quarta.”

Nesse momento a entrevistada fala de uma possível identificação com as características do animal. Uma busca de um suporte simbólico. Ela deseja pra si as características que o animal possui. Pode ter relação com o narcisismo e organização egóica a que Levisky (1998) se refere.

“... achava o pé um lugar diferente, a mulherada toda fazia tatoo na entrada da calça ou na virilha, ou no ombro e eu não, vou mandar logo um pretão no pé, por que assim, nunca descartando o fato disso me colocar em evidencia de alguma forma, por que todo mundo olha, se eu estiver de chinelo sandália, todo mundo olha por que ela é grande...”

Mais uma vez ela se coloca como diferente, querendo não se igualar as outras mulheres e em busca de uma identidade própria, única, ao que Levisky(1998) se refere em todo o processo de formação de identidade.

“...tem o ideograma japonês que eu fiz na virilha, que foi num momento sexy da minha vida, que eu queria, por que queria, cara, que as pessoas me olhassem e me achassem a mulher. Ninguém via a tatuagem, né?... mas assim, eu sabia que ela tava ali, e assim... foi num momento que eu entrei numa fase muito legal, tipo com 19 anos, assim... de me ligar mais nas questões que o meu coração pedia pra eu me ligar, mas como eu era muito cheia das coisas, muitas drogas na adolescência e tal, eu não era muito ligada e nessa fase eu já tava mais ligada em espírito, Deus essas coisas, então esse ideograma significa espírito, mente e coração numa coisa só. É bem pequenininho, mas na minha cabeça eu achava que isso ia me tornar muito sexy...”

Nesta altura, a entrevistada fala de um momento de mudança, de crescimento. Já com 19 anos, mais no final da adolescência, um pensamento mais simbólico e mais próprio, no sentido de ter unido espírito, mente e coração em um lugar que a faz sentir-se sexy. Um pensamento mais maduro, de mulher, ela queria ser “A mulher” e representou essa união, esse crescimento de uma forma simbólica cheia de significados.

“Depois dessa, veio a moréia que eu tenho na costela, essa foi escolhida, assim, uma moréia, moréia também, primeiro eu queria uma coisa com movimento, pra fazer um movimento vindo assim, né?... do peito descendo pra costela, segundo, que o lugar é o mais doído... então, olha só como eu sou foda, né? Olha só o

tanto que eu agüento? E o animal, em si, tipo cara é... é movimento que você nem vê. A moréia ataca. Ela é também sagaz. Ela é rápida. Ela é esperta, então, tem essas coisas”.

A entrevistada fala do movimento que o desenho possui junto com o movimento do próprio corpo. A dor é importante pra ela, como uma prova de sua capacidade de “dar conta”, parece ser uma forma de prova, não só pra ela mesma, mas para os outros também, do quanto de dor que ela pode agüentar. As características do animal escolhido, são características desejadas. A moréia caracteriza um suporte simbólico. Vários significados foram atribuídos ao mesmo desenho e todos no sentido de colocar pra fora, na pele, de forma visível tudo que ela deseja e “precisa”.

“...eles (dragões) são espertos, eles agüentam a dureza da vida, eu acho que tem muito isso nas minha tatuagens, essa coisa de a vida às vezes, de umas assim, então... aí eu fiz esse dragão nas costas, que é um dragão tribal, super lindo, e eu escolhi as costas, por que, não tinha nada nas costas, aí fiz o dragão por que também, acho assim, são seres mitológicos que a gente não sabe se existiu ou não, mas que se existiram eles tinham um poder quase mágico. E nas costas por isso, né?... eu me sinto protegida pelos meus dragões das costas.”

A entrevistada escolheu um animal, que ela considera muito poderoso e mágico, para protegê-la. Ela atribui uma função para seu desenho que simboliza um animal que agüenta “a dureza da vida”.

“... o da perna foi muito legal, por que eu cheguei lá no C. (tatuador) e falei: - C. essa borboleta não tem a ver. É numa fase que eu tava, assim, super malhada, super segura de mim, e tal, então eu já tava passando por umas coisas maiores mesmo e vamos dizer até mais artísticas, porque as primeiras pequenininha, e tal, aí ele fez esse dragão na minha perna, que é maravilhoso, se você for olhar pros detalhes da sombra e cobrindo outra tatuagem ele é lindo...”

Essa tatuagem caracteriza uma mudança, a borboleta perdeu seu significado, sua identificação para a entrevistada. Nessa nova fase, ela estava se sentindo segura, podendo até fazer uma ligação com a sua personalidade caracterizada ao dragão

acima, pois parece que neste momento ela se sente poderosa como o dragão e não mais como uma borboleta. O animal que ela se identifica mudou, pelas características que também mudaram na entrevistada.

“Aí, fiz essa da perna no mesmo ano do sol. Enfiei na cabeça que eu queria um sol, mas por que eu queria um sol? Tava numa fase super trance, sol, natureza e lua, eu sempre fui super assim com o mato e com as coisas da natureza. Mas eu tava incrivelmente querendo um sol. Aí pedi pra minha irmã isso, pesquisei vários e vários, que eu queria colocar no meio das minhas costas, sem perceber que eu tava botando esse sol na altura do meu chakra do coração, enfim nem sabia, depois que uma amiga minha me deu o toque, falou: ‘nossa tá bem em cima muito brilho, né?...pro coração’. Aí, minha irmã, aí eu fiz várias pesquisas a minha irmã nessa época já me ajudava, por que ela também faz altas tatuagens ela desenhou um sol lindo pra mim, aí, eu fui lá e mandei o sol...”

Com o sol, a entrevistada marca uma fase que estava passando. A identificação com a natureza e uma fase marcada por esses elementos. Neste momento a entrevistada demonstra também uma preocupação que tem com o desenho, que é pesquisado, pensado, não é feito no impulso.

“...todas são bem discretinhas, assim considero essa pulseirinha, é uma pulseirinha, né? Super suave, aí, sonhei que tinha que fazer a pulseira. E sonhei com ela assim o fogo e tal, aí, fui atrás, aí, fiz outra pesquisa gigante, aí isso aqui é a borda de uma mandala budista. Mas é só a bordinha e a mandala tem tudo lá dentro. Ela é só a bordinha e falei com o C. (tatuador) que ia ser a primeira que ia ser colorida...”

A pulseira integra a suavidade, o fogo e o budismo. Foi a partir de um sonho que a entrevistada teve. Esse movimento de integração mostra uma capacidade egóica já evoluída de acordo com Levisky(1998). E mais uma vez ela fez uma pesquisa, por mais que a idéia tenha partido de um sonho, foi algo pensado e elaborado.

“Aí, veio o dragão vermelho que eu tenho, gigante, complementando, o preto. E aí, assim... queria uma coisa grande forte, né? Consolidasse muita força, aí, a minha irmã joga RPG, tem vários, né? Ela me mostrou um que era esse mesmo, dourado, era uma coisa! Eu falei: ‘eu quero esse’, aí, fiz a bichinha adaptar ele pra uma tatuagem, né? Por que aí, quando você pega um desenho tem todo um processo, aí morri de sofrer porque eu tive aí, que eu comecei a ter noção da proporção das coisas que eu tava fazendo. Por que tudo foi indo assim aumentando e por mim eu fechava as minhas costas... .. É, e aí, esse dragão foi um trabalho muito legal, porque foi à primeira vez que eu fui, aí, o C. pegou o desenho da minha irmã transformou ele num desenho pra tatuagem passou, ‘olha o que você acha?’... tal, vai faz.... .. foi a primeira vez que eu fiz uma tatuagem que eu fiz primeiro só o contorno, as outras foram só uma vez... .. voltei pra colorir, três horas e meia colorindo, aí, assim, ficou lindo, mas nesse dia eu percebi, assim, o que é a tatuagem também, o tipo de agressão que ela causa no seu corpo, porque é uma agressão e porque nesse dia, eu tive como se fosse uns sintomas, como se eu estivesse tendo uma infecção generalizada, todos as glândulas do meu corpo incharam, tive febre, foi sinistro e, assim, a dor que eu sentia no corpo era como se eu estivesse com uma gripe muito forte, sabe mal, mal. Eu não conseguia levantar os braços direito, tudo bem vai valer a pena.”

Com esse dragão, que também está nas costas junto com o outro simbolicamente protegendo-a, também tem uma mudança no sentido, que agora é algo maior. Onde primeiro foi feito o contorno e depois preenchido. Com essa mudança, a entrevistada, percebeu a “agressão” ao corpo, foi a primeira vez, enfaticamente, pois a mesma já sentenciara que todas doem, quer sejam pequenas ou grandes, que houve a clara percepção da proporção da dor. Contudo vale a pena ter o dragão do jeito que ela quer, compensando sentir toda a dor e tendo tanto trabalho.

“Aí depois dessa, rolou essa frase, aí, foi quinze minutos, mas também foi um trabalho de pesquisa, eu sempre pesquisei as minhas tatuagens, passei o alfabeto hebraico pro meu computador pra conseguir escrever, aí, mandava pra

minha irmã pra ela arrumar no computador ampliar e tal, não sei o quê, aí, a gente fez... .."Deus te abençoe", em hebraico, mas isso foi depois de uma crise de depressão que eu tive e que eu achava que eu que, assim, eu queria fazer uma homenagem a Deus por que eu acho que ele me ajudou bastante, algo concreto."

A frase é considerada como algo concreto para agradecer a Deus. Tatuá-la em seu corpo parece mais uma vez como colocar um sentimento de gratidão pra fora, de forma visível, como a entrevistada mesmo fala, "algo concreto".

*"Falei parei, não vou mais fazer, não vou mais fazer, mas faltava essa (ombro), essa sempre foi a que eu sempre quis, por que eu acho muito lindo... ..Flores, muitas flores. A flor é uma das criações mais bela do Divino. Se você olhar cada uma, cada uma e aqui tem cada uma, tem de todas. Tem flor tropical, tem margarida, tem flor de lótus, tem de tudo aqui, por que flor, sou eu, assim, se você visse os meus desenhos, você veria que eu sou bem, assim, digamos são bem surreais, assim, por exemplo, eu tô fazendo um agora que são vulcões, mas são vulcões, laranja, rosas, é tudo muito, muito forte e contradiz totalmente o meu jeito de trabalhar por exemplo, então eu acho que **essa tattoo, ela significa eu, essa sou eu**, eu sou flores. Pra quem quiser saber quem eu sou, quem não quiser, vai me ver vestida de camisa branca."*

Nessa última tatuagem feita, há uma definição de como sendo ela, fica clara a ligação da identidade dela com a tatuagem. Ela expressa no próprio corpo quem ela é "pra quem quiser saber"(sic). Le Breton (2003), fala dessa relação da identidade com a marca corporal, em que o indivíduo se afirma em uma identificação escolhida.

"E eu, eu acho que eu consegui com elas ser eu, então se eu tiver um evento pra ir, eu vou com elas a mostra, faço questão por que faz parte, faz parte dos meus adornos eu não brinco e tal, mas elas fazem parte, assim como elas são pro índios, a pintura corporal pro índios, eles usam para uma festa um evento específico, então, assim, pra não ter que ficar gastando dinheiro com muitos acessórios, eu me tattoo. É uma forma de você se enfeitar e ganhar destaque com

seu enfeite por que, por exemplo, uma moça ali pode estar ‘enfeitadésima’ e passar despercebida, aonde eu entrar com esse braço de fora todo mundo vai olhar, achando bonito ou feio, eu já tive grilos com essa coisa de bonito ou feio mas não tenho mais.”

Mais uma vez ela fala dessa relação das tatuagens com quem ela é. É uma forma de enfeite e de destaque, chamar a atenção para si mesma. Le Breton (2003), fala dessa forma de ligação com a identidade e também da vontade de atrair o olhar, chamar atenção, a que a entrevistada se refere.

Nas primeiras tatuagens a entrevistada fala que começou a fazer os adornos buscando a atenção dos pais, agora relata que não passa despercebida; “todo mundo vai olhar”.

De acordo com Leitão(2003) a tatuagem aparecia em diferentes culturas em rituais de iniciação, ritos de passagem. Pode-se fazer uma relação com as tatuagens da entrevistada quando ela coloca que elas marcam momentos de sua vida. Algumas foram feitas depois de uma fase superada, outras antes, quando precisava de um suporte. As tatuagens para a entrevistada podem ser comparadas com um ritual de passagem, de uma fase. A grande diferença é que é algo pessoal e não compartilhado em uma cultura como era antigamente.

Leitão (2003) fala como a tatuagem veio para o Brasil como característica de contracultura, pertencente a grupos que eram discriminados. A autora também propõe uma mudança de perfil do tatuado, como algo que apareceu na pesquisa da autora, porém essa modificação ainda não é global, no sentido de ser algo que ainda se encontra em transição, é possível observar isso nessa fala da entrevistada:

“já sofri vários preconceitos já entrei em conflito várias vezes por causa delas, de aceitação, dos outros não me aceitam só por causa disso, então eu sempre fiz questão de mostrar pros outros que além disso eu sou muito mais e aconteceu quando eu fui passar férias com o C. (marido) a dois anos atrás, a primeira vez no lá no Nordeste, com a família super-conservadora, eu estava super-ansiosa porque piercing, tatuagem, essa mulher é um bicho, né? E na verdade assim no primeiro momento todo mundo, mas bastava meia hora de conversa comigo pra

ver que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa e isso foi muito legal pra mim”.

O preconceito ainda existe em relação às pessoas tatuadas. A entrevistada mesmo, se refere como se fosse “bicho”. A entrevistada afirma que é preciso conversar com ela, para distingui-la dos demais tatuados. Fica claro que, por mais que a imagem do tatuado tenha mudado, muitas pessoas ainda possuem a imagem antiga, de quando a tatuagem veio para o Brasil, estando ligado a um modo marginal, criminoso, perigoso de ser.

Leitão (2003) fala dessa nova imagem do tatuado, sendo possível sobre três pilares: a tatuagem se insere no universo feminino, como um cuidado com o corpo; valores pregados como autocontrole e autonomia sobre a anatomia; valorização da pessoa singular, da subjetividade e diferenças. A entrevistada se encaixa nesses pilares. Em vários momentos de sua entrevista ela fala de um valor estético, enfeite, caracterizando um cuidado com o corpo. A entrevistada também deixa clara a escolha de fazer a tatuagem como sendo uma forma de controle; fala de uma dor que ela escolhe ter. Em relação à valorização da pessoa singular, essa aparece várias vezes na tatuagem, quando ela coloca que se destaca, que fica em evidência, não passa despercebida.

Em relação a pertencer a grupos, que se caracterizam pela tatuagem e compartilham significados, isso não aparece na entrevista. O que ela fala sobre isso é:

“Eu já me encaixei no grupo (se referindo ao grupo do Trance) e foi muito fácil eu ter me encaixado por ter as tatuagens, mas não faço parte de nenhum grupo específico. Eu não faço parte daquele grupo, eu ia pra festivais do trance os meus amigos que nem sempre era do trance, mas o fato de ter as tatuagens era absorvida pelo grupo, o que já não acontece, por exemplo, no House. No house é muito engraçado por que você não vê tanta gente tatuada, tem um ou outro, mas não é igual no trance; você olha e o cara tem as costas fechada.”

A entrevistada fala do grupo do *Trance*; considerando que foi mais fácil ela ser aceita no grupo por ter as tatuagens. Outro ponto que ela se refere é o de ter grupos que tem a tatuagem como referência e outros não, quando ela compara o *Trance* com o *House*, que são estilos de música eletrônica. O número de tatuados é menor e as

tatuagens são diferentes, ela se refere a tatuagens grandes e visíveis no *Trance*. A entrevistada se coloca “do lado de fora”. Já transitou entre grupos e as tatuagens facilitaram em alguns deles, mas as suas tatuagens não dizem respeito ao movimento. Não possuem um significado compartilhado dentro de um grupo específico, como o autor Rodrigues (2001) fala que acontece na prisão, como uma forma de comunicação através de símbolos compartilhados. As tatuagens da entrevistada são bem pessoais, de significado dela e para ela.

É possível perceber uma diferença das tatuagens que ela fez em idade mais nova e as que ela fez em idade mais velha, com mais de 20 anos. As que foram feitas em idade mais velha, tem um simbolismo maior, foram todas pesquisadas, trabalhadas e pensadas antes de serem feitas. Pode ser pela identidade já formada, contendo uma certeza maior do que fazer e como fazer. Leitão (2003) fala da importância da escolha do desenho como algo relacionado a personalidade do tatuado, para não ter arrependimento depois.

Hartmann, L (2002), fala dos Gaúchos da fronteira que possuem cicatrizes que contam a história do sujeito. Eles carregam no corpo sua trajetória. A entrevistada possui alguma semelhança com esse pensamento, ela tatua fases de sua vida, quando relata sobre suas tatuagens, conta sua trajetórias, momentos que ela passou e foram marcantes. Pode-se comparar as tatuagens da entrevistada com cicatrizes escolhidas, marcas de sua trajetória.

Leloup (1998), fala da memória do corpo. Tudo que é vivido deixa no corpo sua marca, nada é esquecido. A entrevistada escreve essa memória no corpo, essas memórias são expostas. Para ela, não basta lembrar, tem que ser marcada de uma forma mais forte, visível e simbólica. Pode ser por uma necessidade de se auto-afirmar e concretizar sua existência. A entrevistada coloca em vários momentos, uma vontade inerente de ser reconhecida; quando ela fala que fazia as tatuagens para chamar atenção dos pais; quando ela coloca que “sempre tem a idéia de se destacar”. Algumas tatuagens foram feitas para reforçar características, como do quanto ela agüenta a dor, ou de parecer sexy. São formas de sua existência ser reconhecida. Le Breton (2003) tem essa visão do corpo, como a forma que as pessoas são julgadas e classificadas.

Conclusão

O corpo, mais precisamente a pele, é o que separa o mundo interno do mundo externo do indivíduo. É através do mesmo que a existência é reconhecida. A visão do outro é necessária nesse reconhecimento de existência. Alguém só existe por que possui um corpo, matéria, que é visto e reconhecido pelo outro. Dentro disso, não é só a existência que é mostrada por ele, mas também uma série de características que são nomeadas e agrupadas nas sociedades. O sexo, a cor da pele, a cor do cabelo, a cor dos olhos, as roupas, o jeito de andar, são todas marcas observadas no corpo que dentro de uma sociedade possui infinitos significados e idéias já atribuídas.

O mundo interno do sujeito pode ser protegido, aberto, mostrado e escondido pelo corpo. Da mesma forma que a pele delimita os limites do sujeito, ela possibilita a interação e a abertura desse limite. Cada indivíduo possui um mundo interno diferente, cada um tem sua subjetividade, sua forma de ver e vivenciar o existir. Existem várias formas de comunicação para o sujeito se expressar e interagir com os outros. O corpo é uma forma de comunicação. Como já foi dito, ele expressa a existência, as pessoas se identificam através do corpo. As culturas têm formas próprias de vestir, de andar, de falar, e etc. infinitas possibilidades de usar esse corpo como interação, identificação e comunicação.

A forma que o sujeito vivencia o próprio corpo é bem particular. Como o sujeito iria mostrar sua existência, já foi algo que era controlado pelo destino, mas hoje em dia é possível mudar o corpo, construir, existe um possível domínio sobre o mesmo. Por mais que plásticas não sejam procedimentos a que todos têm acesso, com a tecnologia e a facilidade de comunicação, o sujeito pode escolher parecer um índio, um americano, um africano, um punk, roqueiro... apenas com uma mudança de roupa. Isso de “parecer ser algo” está ligado à idéia de identidade. Não se pode negar a relação da identidade com o corpo; se a existência do homem é reconhecida por ele, sua identidade também é. Nas culturas existem significados compartilhados em relação a tipos de roupas e comportamentos que são caracterizados.

O corpo do sujeito expressa sua identidade. Na sociedade são feitos agrupamentos que colocam pessoas que se parecem como pertencentes a grupos

específicos, isso implica em uma série de características que são atribuídas ao sujeito sem antes conhecê-lo. Porém, as pessoas podem se parecer em relação a uma característica e pensarem diferente. Uma pessoa pode se vestir de índio e não pensar como um, mas a sociedade costuma colocá-lo na categoria de indígenas que pensam de uma certa forma. Não se trata de uma desconstrução de grupos e sim, de possibilidades. As pessoas se identificam com grupos e tem características parecidas, porém, elas podem ser diferentes. Hoje em dia, o sujeito não pertence a um grupo apenas e sim, a vários. A expansão da comunicação facilitou o acesso a informações que possibilitaram uma infinidade de opções que o sujeito tem para identificar e construir, não é apenas um modelo que é possível, mas sim, infinitos.

Todo esse pensamento tem a finalidade de chamar atenção para o sujeito e sua forma particular de existir e se mostrar com seu corpo. O exemplo da tatuagem que era muito ligado a grupos de pessoas que pensavam de uma forma contra a cultura. Hoje é um erro considerar um tatuado como marginal. Não só se desconstrói a idéia da tatuagem ligada à marginalização, como se torna difícil construir uma nova categoria para os tatuados, a não ser, a de apenas “possuir a tatuagem”. Existem grupos que se identificam pelas tatuagens, porém, além de serem diferentes, o significado que o indivíduo atribui a própria tatuagem pode ser diferenciado.

A entrevistada do trabalho, conta toda sua vida através de suas tatuagens. Ela mostra uma forma singular de se relacionar com o próprio corpo. As tatuagens dela estão intimamente ligadas com sua identidade. Ela, literalmente, mostra no seu corpo quem ela é.

O corpo pode ser um instrumento melhor aproveitado para se entender o sujeito, ao invés de apenas observá-lo e identificar sinais, roupas, fazendo ligações de significados já existentes. É importante explorar os significados que o próprio sujeito dá ao seu corpo. A relação que o indivíduo tem com o mesmo, é muito importante. O como ele se mostra existir dentro de uma sociedade que espera e exige atitudes para aceitar a sua existência, pode facilitar a compreensão do sujeito.

Na análise da entrevista, foi possível identificar o processo de identidade, segundo Levisky(1998). Na fala da entrevistada, enquanto ela discorria sobre cada

tatuagem foi possível identificar as suas fases da construção de identidade. Isso mostra como ela usa o seu corpo para mostrar sua identidade, para ser reconhecida.

A psicologia busca entender o sujeito. É muito comum o uso da comunicação verbal para isso, porém, o corpo deve receber uma atenção maior nessa escuta. Essa forma não verbal de comunicação pode ajudar na compreensão do sujeito. A relação com o corpo pode mostrar a relação com o existir, com o se relacionar com o mundo externo e também pode dizer muito sobre o mundo interno do sujeito. A fala sobre o próprio corpo é essencial para a compreensão do indivíduo. Faz-se então, necessário, um aprofundamento do tema para que o psicólogo possa instrumentalizar teoricamente e qualificar melhor essa escuta essencial.

Bibliografia

- COSTA, A. Tatuagem e Marcas Corporais. Primeira edição. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo 2003
- GOFFMAN, E. Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada Quarta edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara.1998.
- GOLDENBERG, M. e RAMOS, M.S. A civilização das formas: O corpo como valor. In Goldenberg, M. (org). Nu & vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Medina, M.B.de (trad.) (pp.19-40) Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. Record. 2002.
- HARTMANN, L.Corpos e/em Conflito: performances narrativas na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. 23ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia Gramado – RS. 16 a 19.06.2002
- LE BRETON, A. O Corpo Acessório. In:Adeus ao Corpo:antropologia e sociedade. (pp 27-54).Campinas:Papirus.2003.
- LEITÃO, D.K. Transgressão e Domesticação: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. In: Cadernos do CEOM. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, UNOCHAPECÓ.2003.
- LEITÃO, D.K. Corpos Ilustrados: tatuagem e autonomia sobre anatomia. Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 2003.
- LELOUP, J. Y. O Corpo e Seus Símbolos: Uma Antropologia Essencial. Segunda edição. Petrópolis, Rj: Vozes: 1998.

- LEVISKY, D. L. Adolescência Reflexões Psicanalíticas. Segunda edição. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998.
- LISPECTOR, C. A Hora da Estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAUSS, M. Sexta parte: As técnicas do corpo. in Sociologia e Antropologia. São Paulo editora Cosac & Naify: 2003.
- NUNNES, A.M.S., PAULA, L.M.C., FROTA, M.L.G.P. PEDRO, R.M.L.R. Uma Reflexão Acerca do Conceito de Identidade. In: Arquivos Brasileiros de Psicologia Vol.38 nº 04 out/dez. Fundação Getulio Vargas: 1986.
- RODRIGUES, S. G. Código de Cella. O mistério das prisões. São Paulo. WVC editora: 2001.
- SOUZA, M. F. O Uso da Tatuagem: o corpo como tela de significados. In: Revista Brasileira de Psicoterapia 2001:3(3):257-74: 2001.